



**Contribuições dos Estudos Escolológicos de Helena Antipoff:
análise das Monografias Escolares (1930-1931) em Belo Horizonte**

Contributions of Helena Antipoff's Schoolological Studies:
analysis of School Monographs (1930–1931) in Belo Horizonte

Contribuciones de los estudios escolológicos de Helena Antipoff:
análisis de monografías escolares (1930-1931) en Belo Horizonte

Renata Silva Cruz
Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)
<https://orcid.org/0009-0007-6140-0947>
<http://lattes.cnpq.br/6812871652615596>
recruz ofs@gmail.com

Regina Helena de Freitas Campos
Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0001-6228-7076>
<http://lattes.cnpq.br/5350842157910835>
reginahcampos@gmail.com

Resumo

Neste artigo, analisamos monografias produzidas por professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, na década de 1930, sob a orientação de Helena Antipoff, com o objetivo de compreender a contribuição dos estudos escolológicos para a produção de conhecimentos sobre a escola e para a constituição das Ciências da Educação em Minas Gerais. A pesquisa fundamentou-se na análise documental de duas monografias elaboradas em 1930 e 1931, articulando a descrição das fontes à sua contextualização histórica. Os resultados evidenciam que as monografias constituíram importantes instrumentos de investigação da realidade escolar, mobilizando conhecimentos oriundos da Psicologia, da Pedagogia e de outras áreas das Ciências da Educação para analisar alunos, professores, práticas pedagógicas e condições de escolarização. Conclui-se que a Escolologia representou uma experiência singular de pesquisa educacional, contribuindo para a formação docente, para a sistematização do conhecimento sobre a escola e para a consolidação de uma cultura de investigação educacional no contexto da renovação educacional mineira das primeiras décadas do século XX.

Palavras-Chave: Monografias; Helena Antipoff; Escolologia.

Abstract

This article analyzes schoolological monographs produced by student teachers at the *Escola de Aperfeiçoamento* (School for Teacher Improvement) in Belo Horizonte during the 1930s under the guidance of Helena Antipoff. The study aims to understand the contribution of Schoolology to the production of knowledge about schools and to the development of Educational Sciences within the Minas Gerais of the *Escola de Aperfeiçoamento*. The research was based on the documentary analysis of two monographs produced in 1930 and 1931, combining source description with historical contextualization. The findings show that these monographs constituted important instruments for investigating school reality, mobilizing knowledge from Psychology, Pedagogy, and other fields of Educational Sciences to analyze students, teachers, pedagogical practices, and schooling conditions. The study concludes that Schoolology represented a distinctive experience in educational research, contributing to teacher education, the systematization of knowledge about schools, and the consolidation of a culture of educational inquiry in the context of educational renewal in Minas Gerais during the first decades of the twentieth century.

Keywords: Monographs; Helena Antipoff; Schoolology.

Resumen

Este artículo analiza las monografías producidas por las profesoras-alumnas de la Escuela de Perfeccionamiento de Belo Horizonte durante la década de 1930, bajo la orientación de Helena Antipoff, con el objetivo de comprender la contribución de los estudios escolológicos a la producción de conocimientos sobre la escuela y a la constitución de las Ciencias de la Educación en Minas Gerais. La investigación se basó en el análisis documental de dos monografías elaboradas en 1930 y 1931, articulando la descripción de las fuentes con su contextualización histórica. Los resultados evidencian que las monografías constituyeron importantes instrumentos de investigación de la realidad escolar, movilizandando conocimientos provenientes de la Psicología, la Pedagogía y otras áreas de las Ciencias de la Educación para analizar a los alumnos, los docentes, las prácticas pedagógicas y las condiciones de escolarización. Se concluye que la Escolología representó una experiencia singular de investigación educativa, contribuyendo a la formación docente, a la sistematización del conocimiento sobre la escuela y a la consolidación de una cultura de investigación educativa en el contexto de la renovación educativa de Minas Gerais durante las primeras décadas del siglo XX.

Palabras clave: Monografías; Helena Antipoff; Escolología.

Recebido: 19/11/2026
Aprovado: 15/04/2026

Introdução

Nas décadas de 1920 e 1930, Minas Gerais tornou-se um importante laboratório de renovação educacional no Brasil. As reformas implementadas pelo governo estadual, especialmente a partir da Reforma Francisco Campos, buscaram modernizar o ensino público por meio da incorporação dos princípios da Escola Nova¹, da reorganização da formação docente e da aproximação entre educação e ciência. Nesse contexto, a Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte constituiu-se em espaço privilegiado para a circulação de novos conhecimentos pedagógicos e psicológicos, destacando-se a atuação de Helena Antipoff e suas propostas de investigação científica da realidade escolar.

Embora as pesquisas desenvolvidas por Helena Antipoff tenham sido amplamente estudadas sob a perspectiva da Psicologia e da Educação, as monografias produzidas pelas professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento ainda permanecem pouco exploradas como fontes para a História da Educação. Esses documentos permitem compreender não apenas os processos de formação docente, mas também as formas pelas quais os saberes pedagógicos, psicológicos e metodológicos foram apropriados e mobilizados na construção de uma nova racionalidade educacional em Minas Gerais.

O objetivo deste artigo é analisar duas monografias produzidas pelas professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, buscando compreender como esses estudos materializaram a proposta escolológica de Helena Antipoff e contribuíram para a produção de conhecimentos sobre a escola no contexto da renovação educacional mineira das décadas de 1930. O foco recai sobre as seguintes questões: 1) Quais e quantas são as monografias publicadas? 2) Como as monografias materializam a proposta escolológica? 3) Quais categorias de análise são descritas? 4) Que fundamentos teórico-práticos sustentam as análises?

As respostas a essas questões permitem compreender como as Ciências da Educação se estruturaram no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento² e como essa estruturação contribuiu para o avanço do conhecimento científico sobre o sistema escolar. Em particular, o estudo busca elucidar o processo de organização do ensino-aprendizagem das crianças do ensino primário e os métodos de formação dos professores especialistas em educação.

Em estudos recentes (Cruz e Campos, 2024; Almeida e Campos, 2022), conceitua-se a Escolologia como estratégia para formar professores, por meio da pesquisa em educação, incluindo dados importantes, sobre a realidade escolar, que evidenciam soluções para os problemas pedagógicos apontados pelos resultados dessas pesquisas.

¹ O movimento da Escola Nova, que se desenvolveu nas primeiras décadas do século 20 com os objetivos de modernizar as escolas e construir as ciências da Educação, ficou conhecido como Educação Nova na Europa e Educação Progressista na América do Norte (Campos e Duarte, 2018)

² O Laboratório de Psicologia Experimental da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte foi um importante espaço de produção e de circulação da psicologia da educação, na primeira metade do século XX. Lá foram produzidos dados importantes sobre o sistema educacional mineiro, principalmente na década de 1930, o que possibilitou um início de organização desse sistema (Cruz, 2024; Campos 2010)

Um dos principais produtos da Escolologia foram as monografias escritas pelas professoras-alunas³. Estas constituem documentos que as professoras produziram para apresentarem os resultados dos seus estudos sobre a escola. Esses apontamentos convergem (também hoje) para uma forma de aplicar os princípios da Escolologia na prática pedagógica, pois permitiam às professoras-alunas desenvolverem suas capacidades de pesquisa, expressão e criatividade, além de estimular o trabalho coletivo e a interação entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo (Cruz, 2024).

Analisar as monografias, ainda, revela aspectos significativos do contexto da pesquisa educacional em Minas Gerais, naquele período, além de fornecer indícios sobre as percepções e concepções de crianças que circularam nas escolas. A Escolologia, proposta por Helena Antipoff, configura nova área de pesquisa, e emerge nesse contexto constituindo um campo que busca investigar os múltiplos fatores que intervêm na aprendizagem escolar, incluindo o desenvolvimento físico, mental e social das crianças, sua origem social e as práticas culturais, os métodos pedagógicos utilizados pelos professores e o funcionamento institucional das escolas.

Além de evidenciarem práticas de investigação desenvolvidas no âmbito da Escola de Aperfeiçoamento, as monografias constituem fontes relevantes para a História da Educação. Por meio delas, é possível compreender processos de circulação e apropriação de saberes pedagógicos, psicológicos e metodológicos que marcaram a renovação educacional mineira, bem como identificar as formas pelas quais a escola passou a ser concebida como objeto de observação, análise e intervenção científica.

Neste trabalho, examinamos as monografias de uma classe escolar, entendidas como produções acadêmicas realizadas por alunos, sob a orientação de um professor, sobre um tema específico relacionado ao curso. Essas monografias representam uma aplicação prática dos princípios da Escolologia, pois não apenas estimulam a capacidade de pesquisa, expressão e criatividade dos alunos, mas também fomentam o trabalho coletivo e a interação entre os diferentes sujeitos envolvidos no processo educativo. Dessa forma, buscamos compreender a contribuição dessas produções acadêmicas para a consolidação das Ciências da Educação e para o desenvolvimento das práticas pedagógicas nas escolas mineiras da época.

As fontes utilizadas foram duas monografias escritas pelas professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte sob a orientação de Helena Antipof, em 1930 e 1931. A análise documental foi utilizada para descrever e identificar as bases teórico-práticas das monografias. Essa metodologia parte do pressuposto de que a pesquisa teórica não pode prescindir da contextualização histórica para ser conduzida com o necessário rigor, de forma que uma abordagem internalista e uma abordagem externalista devam ser conciliadas (Simanke e Caropreso, 2018).

Nessa perspectiva, as monografias foram analisadas simultaneamente como produtos de um projeto científico-pedagógico e como documentos históricos produzidos em determinado contexto social, político e educacional. Tal procedimento permite compreender não apenas sua estrutura interna e seus referenciais teóricos, mas também as condições históricas de sua produção e sua inserção nos processos de renovação educacional que marcaram Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX

³ Helena Antipoff se referia às alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte como professoras-alunas, pois um dos critérios para estudar nesta escola era ser professora da rede pública de ensino de Minas Gerais. (Cruz, 2024).

1. Aspectos históricos e teóricos

A necessidade dos estudos escolológicos em Minas Gerais esteve diretamente relacionada ao movimento de renovação educacional que marcou as primeiras décadas do século XX. Nesse período, diferentes estados brasileiros empreenderam reformas educacionais inspiradas nos princípios da Escola Nova e nas contribuições das Ciências da Educação, buscando modernizar os sistemas de ensino e ampliar a eficiência da escola pública. Em Minas Gerais, a Reforma Francisco Campos (1927) representou um marco nesse processo ao reorganizar o ensino primário e normal e criar instituições destinadas à formação especializada de professores.

Entre essas iniciativas destacou-se a Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, concebida como espaço de formação de professoras já atuantes na rede pública. A instituição reuniu especialistas brasileiros e estrangeiros comprometidos com a incorporação de métodos científicos à educação, entre eles Helena Antipoff. Helena Antipoff (1892–1974), psicóloga e educadora russo-brasileira, desempenhou papel central na constituição das Ciências da Educação em Minas Gerais. Formada em instituições europeias e influenciada pelas experiências desenvolvidas no Institut Jean-Jacques Rousseau (IJJR), em Genebra, chegou ao Brasil em 1929 para integrar a equipe da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Sua atuação no Laboratório de Psicologia contribuiu para a difusão da psicologia experimental, da pesquisa educacional e dos princípios da Escola Nova, influenciando a formação docente e a organização dos sistemas de ensino (Campos, 2003; Campos, 2012).

Foi nesse contexto que Antipoff desenvolveu a Escolologia, proposta voltada ao estudo sistemático da escola e de seus processos educativos. Ao considerar simultaneamente a criança, o professor, a classe, o ambiente escolar e as condições sociais da educação, os estudos escolológicos buscavam produzir diagnósticos capazes de orientar intervenções pedagógicas fundamentadas em evidências empíricas. As monografias elaboradas pelas professoras-alunas constituíram um dos principais resultados desse empreendimento científico e pedagógico.

No âmbito das atividades desenvolvidas na Escola de Aperfeiçoamento, Helena Antipoff propôs diversos estudos sobre os grupos escolares e as classes escolares de Belo Horizonte, entre eles *Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte e algumas sugestões pedagógicas*, 1930 (in Campos, 2002, p.133-161), *Desenvolvimento mental das crianças de Belo Horizonte*, 1931 (in Campos, 2002, p.83-128) e *Organização das Classes dos Grupos Escolares de Belo Horizonte*, 1931 (in Campos, 2002, p.197-212). O programa de Pedologia e Psicologia Experimental aplicada à Educação (Decreto n.º 887, Minas Gerais, 1937) integrava os dois anos do curso. No primeiro ano, estudavam-se teorias e métodos de pesquisa em psicologia experimental e psicologia do desenvolvimento. No segundo ano, a maior parte das atividades era dedicada às práticas de pesquisa, realizadas tanto no laboratório, por meio de experimentos e demonstrações, quanto nas escolas, por meio da observação das salas de aula e da aplicação de testes psicológicos e pedagógicos. Essas investigações permitiam um conhecimento minucioso da escola pública e constituíam a base dos estudos escolológicos. As monografias produzidas pelas professoras-alunas registravam os resultados dessas pesquisas e materializavam a proposta de investigação científica da realidade escolar formulada por Antipoff.

A proposta inicial de inserir a Escolologia no curso de Psicologia Educacional ocorreu com a participação das alunas do segundo ano do curso de aperfeiçoamento. Durante um semestre, 32 classes de seis grupos escolares da cidade de Belo Horizonte foram visitadas uma vez por semana para que as alunas estudassem “ponto a ponto, todos os aspectos da vida destas classes” (Antipoff, 1930, p. 147). As alunas compareciam em duplas e passavam uma tarde recolhendo os dados necessários, por meio de diversas pesquisas, medidas, testes pedológicos e escolares, ou por observação. Ao final, os resultados das investigações foram organizados em forma de monografias, redigidas para cada uma das 32 classes, e ainda se elaborou uma monografia geral para cada um dos seis grupos escolares visitados.

A produção dessas monografias deve ser compreendida no interior de um movimento mais amplo de cientificização da educação. Conforme destacam os estudos sobre a Escola Nova, a observação sistemática da criança e do ambiente escolar passou a ser considerada condição fundamental para a construção de práticas pedagógicas mais eficazes. Nesse sentido, as monografias não constituíam apenas exercícios acadêmicos de formação docente, mas instrumentos de produção de conhecimento sobre a realidade escolar, aproximando o trabalho das professoras-alunas das práticas de investigação então valorizadas pelas Ciências da Educação.

Não foi a primeira vez em que Helena Antipoff trabalhou com monografias. Ela já havia desenvolvido esse método, quando trabalhara na escola anexa ao IJJR, a *Maison des Petits* (Cruz, 2024). Também ministrou cursos de verão sobre como escrever monografias acerca das crianças. No entanto, a própria Antipoff revela que o trabalho escolológico é um trabalho muito mais amplo e detalhado, que inclui um estudo global da vida da classe considerada como uma sociedade (Ruchat, 2010). Sendo assim, trata-se de um aprimoramento do seu trabalho iniciado em Genebra, agora mais minucioso, considerando todos os aspectos que constituem a escola. Essa ampliação do escopo investigativo evidencia o esforço de Antipoff em transformar a escola em objeto de estudo científico, articulando diferentes dimensões da vida escolar em uma perspectiva interdisciplinar.

Procedemos à descrição e análise de duas monografias. A primeira é um manuscrito, recentemente encontrado no Museu Helena Antipoff, sob o título: *Monografia n.32, Grupo Escolar Olegário Maciel*, datada de agosto de 1930 (Almeida; Paiva, 1930). A segunda é uma monografia publicada pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, em 1932, com o título: *Monografia de uma classe de Belo Horizonte: Estudo Escolológico de 1931* (Monografia, 1932).

A escolha dessas duas monografias decorre de sua relevância para a compreensão da proposta escolológica em diferentes momentos de sua consolidação. Enquanto a monografia de 1930 permite observar os primeiros esforços de sistematização das investigações escolares realizadas pelas professoras-alunas, a publicação de 1932 evidencia o amadurecimento metodológico da proposta e sua legitimação como forma de produção de conhecimento sobre a escola.

As monografias são dispostas em capítulos, no entanto, não seguem o mesmo padrão, embora os eixos de análise sejam os mesmos. No Quadro 1, apresentamos o sumário das duas monografias que se referem a uma determinada classe escolar. Os dados deste quadro facilitam a compreensão, ao compararmos a estrutura dos capítulos.

Quadro 1 - Comparativo dos Sumários da Monografia do Grupo Escolar Olegário Maciel e da Monografia de uma classe escolar – 1931

MONOGRAFIA DE UMA CLASSE ESCOLAR DE BELO HORIZONTE	Monografia n.32 DO GRUPO ESCOLAR OLEGÁRIO MACIEL
Prefácio escrito por Helena Antipoff	Sem prefácio
Introdução	Introdução
Parte I – Aluno	Capítulo I: Fim da monografia
Capítulo I: Composição da Classe	Capítulo II: Método empregado no trabalho
Capítulo II: Família e meio social	Capítulo III: Regime escolar, Instituições escolares, Excursões e Auditório
Capítulo III: Desenvolvimento físico e saúde das crianças	Capítulo IV: Parte física da classe
Capítulo IV: Desenvolvimento mental	Capítulo V: Composição da classe
Capítulo V: Nível intelectual das crianças	
Capítulo VI: Perfil geral da classe: • Ideais e interesses das crianças • Exame psicológico de algumas faculdades: memória e observação • Testes pedagógicos: ortografia, pontuação, leitura silenciosa, geografia e história e aritmética	Capítulo VI: Desenvolvimento social e meio social dos alunos
Parte II: Escola e professor	Capítulo VII: Personalidade do professor
Capítulo I: Parte física da sala	Capítulo VIII: Trabalho pedagógico e seu característico psicológico • Leitura • Língua pátria • Aritmética • Geometria • Geografia e história do Brasil • Desenho • Canto • Ginástica • Recreio
Capítulo VIII: Perfil da professora	
Capítulo IX: Característico do trabalho pedagógico • Aula de Língua Pátria • Aula de escrita • Aula de Geografia • Aula de História do Brasil • Característica dos métodos empregados no ensino pela professora	Capítulo IX: Estado físico das crianças
Capítulo X: Balanço dos fatores que influem a classe	Capítulo X: Nível mental das crianças
	Capítulo XI: Perfil psicológico das classes
	Capítulo XII: Avaliação e interpretação dos fatores do desenvolvimento da classe
	Conclusão

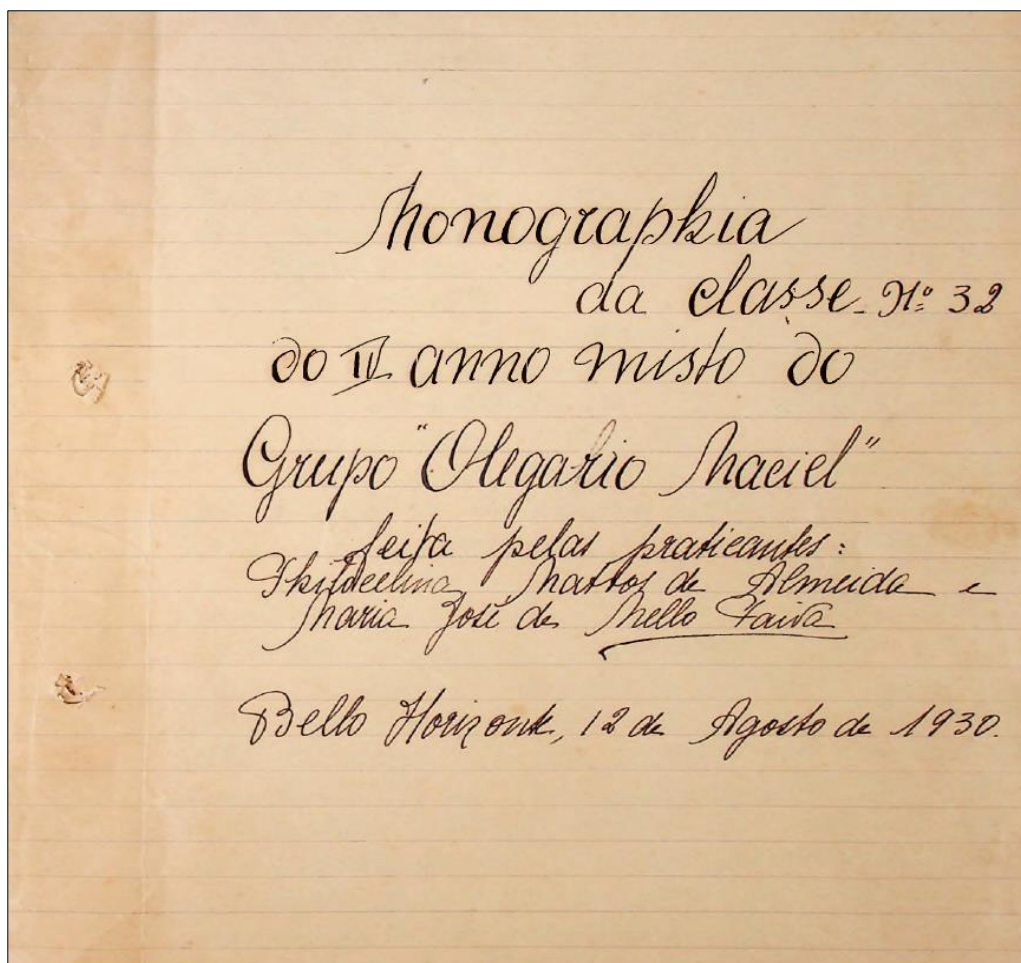
Fonte: Cruz, 2024.

A comparação entre as estruturas das duas monografias evidencia a permanência de um núcleo comum de preocupações investigativas, centrado na análise da criança, da classe, do professor e das condições escolares. Ao mesmo tempo, revela um progressivo refinamento metodológico na organização dos dados e na sistematização das observações. Tal característica reforça a hipótese de que a Escolologia procurava constituir um modelo próprio de investigação da realidade escolar, articulando conhecimentos oriundos da Psicologia Experimental, da Pedagogia e das demais Ciências da Educação.

2. Monografia n.32 do Grupo Escolar Olegário Maciel

Documento original encontrado no acervo do Museu Helena Antipoff em Ibirité-MG, o manuscrito encontra-se registrado em um caderno brochura de tamanho pequeno e é o único entre as monografias em que as autoras estão identificadas. Nas demais, por terem sido publicadas oficialmente, foi resguardada a identidade. A monografia é intitulada: *Monografia da classe nº 32 do IV ano misto do Grupo Olegário Maciel*, de autoria de: Philocelina Mattos de Almeida e Maria José de Mello Paiva, datada em 12 de agosto de 1930.

Figura 1 - Capa da *Monografia da Classe nº 32 – Grupo Olegário Maciel*



Fonte: Arquivos do Museu Helena Antipoff – Ibirité-MG.

Organizada em introdução, 12 capítulos e uma conclusão, no texto, são abordados aspectos como regime e instituições escolares, composição e desenvolvimento social das classes, personalidade dos professores e os fatores que influenciavam o ensino e a aprendizagem, culminando em uma avaliação abrangente dos aspectos físicos, sociais, psicológicos e pedagógicos que impactavam o desenvolvimento das crianças (Almeida; Paiva, 1930). Diferentemente de outras monografias publicadas pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, nesta não se incluem gráficos ou tabelas, mas são seguidas as categorias de análise estabelecidas por Antipoff, como métodos, professores, meios materiais, capacidades individuais, hereditariedade e meio social, considerados essenciais para compreendermos os resultados do ensino (Antipoff, 1935; Campos, 2010a).

A Escolologia, proposta por Helena Antipoff, é apresentada como uma abordagem inovadora, pautada na observação científica e na experimentação, com o objetivo de investigar a criança em sua totalidade e as condições que influenciam sua aprendizagem (Antipoff, 1930; Campos, 2001). No estudo da classe nº 32 do Grupo Olegário Maciel essa perspectiva é ilustrada, adotando-se métodos como a observação natural de Alexander Lazurski, testes psicológicos e pedagógicos, e análise dos diferentes fatores que moldavam o ambiente escolar (Almeida; Paiva, 1930). Esses métodos, ao integrar dados qualitativos e quantitativos, promoveram uma compreensão mais abrangente da dinâmica pedagógica e da interação entre escola, professor e aluno, ampliando o alcance das ciências da educação no Brasil (Antipoff; Ottoni; Duarte, 2002).

A adoção desses procedimentos evidencia a incorporação, no contexto mineiro, de uma racionalidade científica que ganhava força no campo educacional internacional nas primeiras décadas do século XX. A observação sistemática, a mensuração das capacidades infantis e a produção de registros detalhados da vida escolar expressavam a crença de que os problemas educacionais poderiam ser compreendidos e enfrentados por meio de métodos científicos, aproximando a escola dos modelos de investigação já consolidados em outras áreas do conhecimento.

Nos capítulos, detalham-se os métodos empregados, como observações sistemáticas e testes psicológicos, em consonância com a psicologia experimental defendida por Antipoff. Essas práticas visavam capacitar professores para identificar níveis de desenvolvimento intelectual e de aprendizagem dos alunos, promovendo uma homogeneização das salas de aula, com grupos organizados por níveis de desempenho (Campos, 2010b; Miranda, 2014). A criação de classes especiais para crianças com dificuldades de aprendizado reflete as propostas modernas para atender às necessidades dos estudantes e melhorar a eficiência pedagógica, inserindo o Brasil nos debates educacionais internacionais (Rota-Júnior, 2016; Souza, 1998).

Sob essa perspectiva, a classificação dos alunos por níveis de desenvolvimento intelectual não pode ser compreendida apenas como procedimento técnico. Ela integrava um projeto mais amplo de organização racional do ensino, característico das reformas educacionais inspiradas na Escola Nova. A busca por classes homogêneas expressava a expectativa de adequar os métodos pedagógicos às características dos estudantes, promovendo maior eficiência escolar e reduzindo os índices de repetência que preocupavam os sistemas públicos de ensino.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento destacou-se pela adaptação e criação de novos instrumentos de medição, como testes de inteligência e pedagógicos, que forneceram subsídios científicos para as práticas escolares (Campos, 2010a; Miranda, 2014). Essa integração de métodos qualitativos e quantitativos contribuiu para o avanço da ciência educacional e para a formação de professores preparados para lidar com a diversidade de contextos escolares (Campos, 2001). Assim, os estudos escolológicos consolidaram a contribuição de Helena Antipoff para a educação brasileira, reforçando a relevância da ciência como ferramenta para compreender e intervir no desenvolvimento das crianças e na organização pedagógica.

Quadro 2 - Testes de inteligência utilizados na pesquisa escolológica.

Teste	Descrição
Teste de Goodenough	Desenvolvido por Florence Goodenough, em 1926. Consiste em a criança desenhar um homem do modo mais perfeito que ela possa imaginar. Há uma lista de 51 pontos para a apreciação do teste e avaliação da inteligência (1931, p. 34-35).
Teste Ballard	Teste de inteligência desenvolvido pelo psicólogo inglês Philip Boswood Ballard, Aplicado coletivamente, composto por 100 questões. É indicado que seja aplicado em duas etapas: 50 questões de cada vez. Uma folha de papel pautado e um lápis. A criança responderá às questões colocadas. O objetivo é identificar a inteligência global da criança (1931, p. 37).
Teste Dearborn	É um teste coletivo com 17 questões. Exige que a criança saiba reconhecer, entre uma série de 12 números, aquele que representa sua idade; saiba contar até 13 pauzinhos; faça divisão por dois; faça soma de valores de selos perfazendo um total de 900 réis; reconheça as horas e faça o desenho da mão. Exige atenção, observação, noção de caro e barato (1931, p. 36).
Teste P.V	Teste com 57 questões, idealizado por Theodore Simon, segundo as alunas, melhor para medir inteligência global. Exige compreensão, observação, julgamento, raciocínio, perspicácia, rapidez, vocabulário desenvolvido (1931, p. 35).
Teste de Pointillage	Teste de atenção. A criança toma um papel quadriculado e, com o lápis, deverá fazer pontinhos em todos os pontos de encontro de duas linhas. A criança tem três minutos e conta-se o número de pontinhos colocados no local correto (1931).

Fonte: Cruz, 2024.

A diversidade de instrumentos empregados revela que a Escolologia não se limitava à observação espontânea da vida escolar. Ao contrário, buscava articular diferentes métodos de investigação na tentativa de produzir um diagnóstico abrangente das condições de aprendizagem. Essa combinação de observação, testes psicológicos, medições antropométricas e registros pedagógicos evidencia o esforço de constituir um campo científico voltado especificamente ao estudo da escola e de seus processos internos.

Junto à aplicação dos testes, eram utilizados dois métodos de análise: método dos percentis, indicado por Galton⁴, conhecido como método de correlação, que tinha por finalidade mostrar o lugar que o indivíduo ocupa em um total de 100 indivíduos agrupados, pois, para indicar o que significa o resultado de um determinado teste, deve-se estabelecer sua correlação com outros testes, cujo significado já é conhecido. E o método de análise de Rossolimo⁵, que consistia em reunir em um mesmo gráfico os resultados obtidos pelos diversos testes aplicados, para perceber, de modo geral, os pontos fortes e pontos fracos do psiquismo e do desenvolvimento de cada criança (Almeida; Paiva, 1930).

Helena Antipoff utilizava criticamente os testes laboratoriais da psicologia, realçando suas limitações ao estudar funções isoladas. Para superar isso, associava esses testes a outros métodos, como a observação no espaço escolar, o que ampliava a compreensão das práticas educacionais. No capítulo III da monografia sobre o Grupo Escolar Olegário Maciel, são apresentados aspectos organizacionais, tais como horários, uniformes e práticas de entrada e saída dos alunos, seguindo-se descrições detalhadas sobre a autonomia restrita da professora e

⁴ Francis Galton, biólogo inglês, foi responsável pelo início da aplicação de testes que refletiam a influência das pesquisas sensoriais. Galton acreditava numa estreita correlação entre a capacidade de discriminação sensorial e a capacidade intelectual. Sob a sua influência, desenvolveu medidas das diferenças individuais, inaugurando a terminologia *mental test*. <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000500002>.

⁵ Assim, o famoso sistema de um “perfil psicológico” de Rossolimo proveio de um estudo dos picos no desenvolvimento de cada uma das funções (atenção, memória, vontade, rapidez etc.), sendo esses picos expressos em unidades condicionais – o número de tarefas cumpridas. O resultado desse tipo de investigação é o “Perfil Psicológico” que indica o pico de cada uma das funções (Vygotsky, 1997). Disponível em: http://www.4shared.com/file/55971081/d96ff395/Vygotsky_Diagnostico_do_desenvolvimento_e_clnica_pedologica_da_infncia_difcil.html.

suas iniciativas pedagógicas, como o “Jornal Infantil” e a liga “Campeão da Frequência” (Almeida; Paiva, 1930). Essas atividades refletiam o Decreto nº 7.970/1927, que previa iniciativas complementares, como associações escolares, para desenvolver a sociabilidade, responsabilidade e cooperação entre os alunos (Minas Gerais, 1927).

A análise da estrutura física e dos recursos da sala de aula nos revela vários pontos positivos, a exemplo dos materiais didáticos disponíveis; e outros negativos, a exemplo da parca iluminação e do mobiliário inadequado para o tamanho das crianças. Observações mais subjetivas também se destacam, como a valorização do afeto demonstrado pelas crianças na ornamentação da mesa da professora (Almeida; Paiva, 1930). Outro aspecto singular foi a composição das classes por nível intelectual, prevista pela legislação educacional e considerada essencial para o desenvolvimento físico, intelectual e social dos alunos. O nivelamento mental era entendido como uma prática pedagógica avançada, que promovia o progresso pedagógico, pois ao mesmo tempo em que evitava a repressão de talentos de crianças mais dispostas não sobrecarregava as crianças com dificuldades (Campos, 1992, 2001, 2010a; Almeida; Paiva, 1930).

Tal concepção deve ser compreendida à luz dos debates pedagógicos da época. Nas décadas de 1920 e 1930, a homogeneização das classes era frequentemente apresentada como estratégia para tornar o ensino mais eficiente e ajustado às diferenças individuais. As monografias evidenciam como essas ideias circulavam entre as professoras em formação e eram apropriadas como fundamentos legítimos para a organização da escola primária.

Por meio da Escolologia, Antipoff buscava identificar os fatores sociais e econômicos que influenciavam as crianças. No capítulo V, descreve-se a composição da classe, com alunos de diferentes idades e histórico acadêmico, mas relativamente homogênea em comportamento e inteligência. A sociabilidade das crianças foi observada durante o recreio, realçando comportamentos gentis e respeitosos entre os colegas. A turma foi classificada como pertencente a um meio social médio, com poucos elementos de níveis superiores ou inferiores. Esses dados evidenciam a relevância das observações diretas e das interações sociais para compreender a dinâmica pedagógica e o desenvolvimento integral das crianças, consolidando a contribuição escolológica para a ciência da educação (Almeida; Paiva, 1930).

No capítulo VII da monografia, as autoras descrevem a professora como uma estagiária jovem, com traços físicos e comportamentais que destacavam sua dedicação e o carinho pelos alunos. Apesar de não possuir grande experiência ou formação aprofundada, ela era elogiada por sua inteligência, iniciativa e boa orientação ao trabalho pedagógico, obtendo bons resultados no desenvolvimento dos alunos (Almeida; Paiva, 1930). As descrições mostram como o Decreto nº 7.970 regulamentava o papel das estagiárias na regência de classes suplementares, permitindo-lhes exercer funções didáticas e administrativas. As práticas pedagógicas da professora incluíam métodos ativos e intuitivos, como excursões, clubes de leitura e atividades coletivas, que, segundo as professoras-alunas, favoreciam o desenvolvimento social e intelectual dos estudantes, alinhando-se ao pensamento educacional de John Dewey (Almeida; Paiva, 1930).

A valorização dessas práticas demonstra a circulação de referenciais escolanovistas na formação docente promovida pela Escola de Aperfeiçoamento. Mais do que descrever o trabalho da professora, as autoras buscavam identificar em que medida sua atuação correspondia aos ideais de uma pedagogia ativa, centrada na participação dos alunos e na construção de experiências significativas de aprendizagem.

O trabalho pedagógico era estruturado com base no programa oficial, enfatizando a organização do tempo e das atividades, como trabalho intelectual, de movimento e de imaginação. A professora distribuía os conteúdos conforme os períodos de maior atenção das crianças, intercalando momentos de estudo e recreação. As aulas observadas incluíam disciplinas como leitura, língua pátria, aritmética, geografia e ginástica. Na aula de leitura, por exemplo, a ênfase era no desenvolvimento expressivo e interpretativo, utilizando livros como ‘Através do Brasil’, de Bilac

e Bomfim, recomendados pelo Decreto nº 6.678/1925 (Almeida; Paiva, 1930; Bilac; Bomfim, 2013). A interação com os textos despertava o interesse das crianças e criava um ambiente emocionalmente envolvente, ressaltando a importância de formar o gosto pela leitura, como defendiam Claparède e Antipoff (Claparède, 1934; Antipoff, 1992b).

A análise da prática da professora evidencia a aplicação da Escolologia, que propunha associar teoria e prática com base em conhecimentos das Ciências da Educação. Sob a influência de Antipoff, as professoras-alunas desenvolveram uma abordagem científica para observar e compreender a realidade educacional, enfatizando a pesquisa ativa e a formulação de novos conceitos a partir de problemas reais (Antipoff, 1992b). Essa articulação entre fundamentos teóricos e experiências práticas refletia os princípios da escola ativa e da educação funcional, que buscavam não apenas transmitir conteúdos, mas também promover o desenvolvimento integral da criança, despertando nela habilidades cognitivas e emocionais que perdurassem por toda a vida (Claparède, 1934; Almeida; Paiva, 1930).

As aulas de língua pátria, leitura e escrita apresentavam um misto de atividades formais e criativas. Observamos que exercícios como análise gramatical e lógica, ditados e redações não despertavam grande interesse, refletido nas expressões das crianças. No entanto, a competição promovida em jogos de conjugação verbal incentivava o entusiasmo dos alunos, somando-se aos princípios da educação ativa de Dewey e Claparède, que viam no aspecto lúdico um meio de transição para o trabalho reflexivo (Claparède, 1934; Dewey, 1979). Na escrita, a monotonia das atividades de cópia era evidente, enquanto, na aritmética, a resolução de problemas e a formulação coletiva estimulavam o raciocínio, a crítica e a colaboração, evidenciando o método de aprendizagem reflexiva defendido por Dewey e Claparède.

A atenção dedicada às reações das crianças diante das diferentes atividades revela um dos aspectos centrais da Escolologia: a preocupação em compreender os interesses infantis como elemento fundamental da ação pedagógica. Essa perspectiva aproximava-se das formulações de Claparède e Dewey, segundo as quais a aprendizagem deveria partir das necessidades e motivações da criança, deslocando o foco do ensino exclusivamente centrado nos conteúdos.

As aulas de geometria e ciências sociais mostraram maior integração entre teoria e prática. Em geometria, o trabalho manual, com dobraduras e recortes, uniu conceitos matemáticos e habilidades motoras, mantendo a classe envolvida. A geografia e a história ganharam dinamismo com debates e uso de materiais intuitivos, como mapas e gravuras, promovendo reflexão crítica e desenvoltura social dos alunos (Almeida; Paiva, 1930). Essas práticas realçam a emulação como estratégia de engajamento, onde o desejo de superar o outro motivava maior participação.

Essa abordagem, fundamentada na pedagogia científica, favorecia o desenvolvimento de competências intelectuais e sociais. As avaliações físicas e psicológicas reforçaram o compromisso com uma pedagogia baseada na ciência experimental. A utilização de instrumentos como dinamômetro e testes de inteligência seguiu os métodos de Binet e Simon, com enfoque no desenvolvimento integral das crianças. Como observado por Antipoff (1931), essas práticas não apenas diagnosticavam capacidades, mas também buscavam compreender o contexto biopsicossocial dos alunos. Ao integrar dados antropométricos, psicológicos e pedagógicos, a Escolologia visava legitimar um ensino fundamentado em bases científicas, promovendo uma formação docente qualificada e ajustada às necessidades locais.

Por fim, a monografia reflete o esforço em articular teoria e prática, evidenciando influências de pensadores como Dewey, Claparède e Antipoff. A ênfase em métodos ativos, que associavam o lúdico à aprendizagem crítica e colaborativa, demonstra o avanço na construção de uma ciência pedagógica em Minas Gerais. O estudo das professoras-alunas legitima a Escolologia como um campo científico emergente, contribuindo para uma visão moderna e experimental da educação, centrada no desenvolvimento integral e no diagnóstico das capacidades dos alunos (Antipoff, 1992a).

Quadro 3 - Fatores positivos e negativos observados na classe focalizada na *Monografia n. 32*
– Grupo Olegário Maciel

Fatores positivos:	Fatores negativos:
a) A personalidade da professora; b) Seu método de ensino baseado no interesse na emulação; c) A responsabilidade e a iniciativa que a professora dá aos alunos na organização dos problemas; d) Os jogos pedagógicos; e) A competição que caracteriza certos jogos; f) A colaboração dos alunos em classe; g) As discussões e dissertações socializadas; h) As atividades extraprograma, clubes de leitura, <i>auditorium</i>, excursões etc.; i) As instituições escolares – Cruzada do Bem, Campeão de frequência, amigos do asseio, Bolsa escolar etc.; j) A existência de um jornalzinho e de uma biblioteca na classe, possuindo esta já um bom número de livros, alguns indicados pelo programa anual do ensino, outros escolhidos pela diretora; k) O nível mental dos alunos; l) Em suma, o espírito elevado da diretora do estabelecimento, sempre pronta a receber, analisar e adaptar as ideias novas, encorajando as professoras e deixando-lhes franco e vasto campo de ação em tudo o que se refere ao progresso do ensino.	a) O grande barulho da vizinhança do grupo, que perturba o movimento da classe; b) A disposição e as dimensões das carteiras que, sendo todas iguais, não se adaptam aos meninos, que são de tamanhos diferentes; c) O desenvolvimento físico deixando ver certo enfraquecimento em determinadas crianças; d) A falta de higiene, a má alimentação das crianças; e) A deficiência de material intuitivo e ilustrativo; f) Grande número de crianças que, ao mesmo tempo, brincam no recreio, num espaço por demais pequeno; g) A falta de ginástica. Em nenhuma das vezes que lá estivemos, conseguimos apreciar uma aula de exercícios físicos, querendo isto dizer que a ginástica é dada em dias determinados.

Fonte: Cruz, 2024, p.125.

A sistematização dos fatores positivos e negativos permite observar que as professoras-alunas não se limitavam a registrar acontecimentos escolares. Elas elaboravam diagnósticos sobre as condições de funcionamento da escola e formulavam interpretações acerca dos fatores que favoreciam ou dificultavam o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, as monografias assumiam dupla função: instrumento de formação docente e mecanismo de produção de conhecimento sobre a realidade escolar. É justamente essa característica que permite compreender a Escolologia como uma proposta singular no interior das Ciências da Educação, voltada para a investigação sistemática da escola enquanto objeto científico.

Na avaliação das autoras, as lacunas observadas no contexto escolar não eram atribuídas diretamente à professora ou à direção, mas vistas como questões que o tempo e as transformações pedagógicas e psicológicas modernas poderiam superar, desde que as reformas educacionais, como as de Antônio Carlos e Francisco Campos, disseminassem ideias inovadoras em Minas Gerais, formando cidadãos empreendedores e comprometidos com o futuro do Brasil (Almeida; Paiva, 1930, s.p).

As professoras-alunas destacaram o progresso da professora e os resultados dos alunos, mas enfatizaram a necessidade de enfrentar o pouco desenvolvimento físico das crianças, pois a saúde delas era vista como a base para o progresso escolar e o futuro nacional. Nesse contexto, é possível perceber que as teorias educacionais de Helena Antipoff se fundamentaram na psicologia russa, com seu enfoque no caráter e no ambiente natural da criança; na psicologia genebrina, que ressaltava o conhecimento profundo da criança como essencial para educá-la; e em teorias metodológicas pragmáticas, com influências de Dewey, Kilpatrick e Thorndike, que

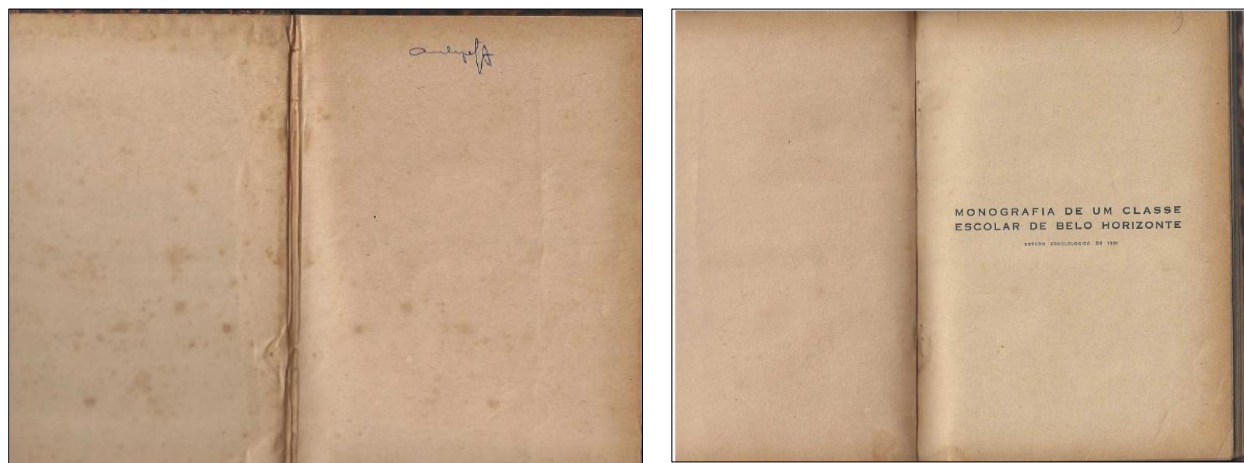
promoviam intervenções pedagógicas alicerçadas na observação e identificação das necessidades das crianças. Assim, a Escolologia sintetizou três influências teóricas centrais: metodológica, científica e sociocultural, criando um modelo integrado para aperfeiçoar práticas pedagógicas e a eficácia da aprendizagem.

As monografias analisadas demonstram como essas influências teóricas foram apropriadas no contexto da formação docente mineira e convertidas em instrumentos concretos de investigação educacional. Ao articularem observação, experimentação e análise das condições sociais da escolarização, esses estudos contribuíram para consolidar uma cultura de pesquisa em educação e para fortalecer a compreensão da escola como objeto legítimo de produção científica.

3. A monografia de uma classe escolar de Belo Horizonte: estudo escolológico de 1931

Publicada em 1932 pela Imprensa Oficial de Minas Gerais, a *Monografia de uma classe escolar de Belo Horizonte: estudo escolológico de 1931*, contém 99 páginas e está organizada em um prefácio não assinado, uma introdução e uma sequência de capítulos apresentados em duas partes. Na primeira página, consta uma assinatura de Helena Antipoff, pertencendo, pois, à coleção pessoal da educadora. O volume encontra-se sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff⁶. Esta é a única monografia publicada que encontramos completa até o momento.⁷

Figura 2 - Capa e contracapa da *Monografia de uma classe Escolar de Belo Horizonte*



Fonte: Antipoff (s.d). Arquivo pessoal de Helena Antipoff. Acervo do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA).

⁶ O Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (CDPHA) é uma instituição privada, sem fins lucrativos, fundada em 1980, com as finalidades de preservar a memória e divulgar a obra de Helena Antipoff. O acervo Helena Antipoff encontra-se disponível para a pesquisa na Sala Helena Antipoff, na Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, e na Fundação Helena Antipoff, em Ibirité-MG. Disponível em: www.cdpha.pro.br. Acesso em: 21 jun. 2026.

⁷ Partes de outras monografias escolológicas foram publicadas na *Revista do Ensino* no ano de 1930. No entanto, acreditamos que os volumes originais, como este que consultamos, que pertenciam à biblioteca da antiga Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte, tenham desaparecido em um incêndio que destruiu a biblioteca dessa Escola, em 1953 (Prates, 1989).

O prefácio da monografia enfatiza que o objetivo dos estudos escolológicos era apresentar a “situação concreta” do ensino público em Minas Gerais e contribuir para a formação pedagógica das alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte. Durante um semestre de trabalho, as alunas observaram e analisaram detalhadamente a realidade da escola pública em Belo Horizonte, utilizando métodos diversos para abordar aspectos físicos, sociais e pedagógicos da instituição (Monografia..., 1932, p. 7-8). O estudo não tinha caráter normativo, mas buscava descrever fatos e extrair ensinamentos úteis para melhorar as práticas pedagógicas. Na introdução, as autoras destacaram que as investigações psicopedagógicas eram capazes de melhorar a escola, pois permitiam aos professores conhecer melhor a criança, seu contexto e os fatores que influenciam seu desenvolvimento físico, mental, emocional e social, possibilitando intervenções mais eficazes (Monografia..., 1932, p. 10).

A monografia foi dividida em duas partes principais. A primeira tratava dos alunos, com seis capítulos dedicados a descrever as características físicas, sociais e psicológicas dos estudantes por meio de observações, inquéritos e testes, resultando em perfis individuais e coletivos da classe. A turma, composta por 40 alunos com idades entre 8 e 15 anos, apresentava grande heterogeneidade e desafios relacionados à repetência e transferências frequentes entre escolas. A segunda parte, com quatro capítulos, abordava a escola e a professora, analisando a infraestrutura da sala, o perfil da docente e as práticas pedagógicas observadas em disciplinas como língua pátria, aritmética, geografia e história. Os dados foram complementados por anexos detalhados, incluindo fichas pedológicas que descreviam, com base em instrumentos como testes de inteligência e coordenação psicomotora, o perfil de dois alunos. Diferentemente da monografia nº. 32, esta enfatizava resultados estatísticos, acompanhados de gráficos e tabelas, propondo análises e soluções para os problemas identificados, com o objetivo de aprimorar as práticas educacionais e fomentar uma educação mais eficaz.

3.1 Sobre o aluno

A monografia apresentou os resultados da análise de uma classe escolar composta por 40 alunos, organizada sem o critério de nivelamento, considerado essencial em sistemas adeptos da Educação Nova. Segundo as professoras-alunas, o nivelamento mental e as promoções individuais poderiam favorecer o progresso pedagógico, especialmente em disciplinas como a aritmética, onde métodos tradicionais eram criticados por sua falta de vitalidade e adequação às diferenças intelectuais dos alunos. Observamos que 52,5% dos alunos nunca repetiram um ano, enquanto os demais apresentaram repetências relacionadas, em sua maioria, à dificuldade em aritmética, atribuída aos métodos de ensino obsoletos.

Muito nos impressionou, na classe, o fato de nela existir um tão grande número de crianças que não estão fazendo regularmente o curso, por causa de repetições. Repetindo anos, a criança acarreta para si um possível atraso no caminho da vida, acarretando, ao mesmo tempo, e é isso muito claro –um pouco de prejuízo para as finanças do seu Estado. O que vimos nessa classe, também, vimos em outras classes, em outros grupos escolares (Monografia..., 1932, p. 16).

A repetência era vista como um problema pedagógico, social e econômico, prejudicando o desenvolvimento das crianças e sobrecarregando o sistema educacional. A solução proposta residia na homogeneização das classes, que permitiria respeitar as capacidades individuais dos alunos, prevenindo sentimentos de inferioridade ou desinteresse pelo trabalho escolar. Essa perspectiva se alinhava às ideias de Claparède e Antipoff, que defendiam uma educação baseada no trabalho, na liberdade e cooperação, focando nas necessidades vitais e sociais das crianças.

A defesa da homogeneização das classes revela a forte influência das concepções pedagógicas associadas ao movimento da Escola Nova e às Ciências da Educação. Nas décadas de 1920 e 1930, a organização das turmas segundo critérios de desenvolvimento intelectual era apresentada como alternativa à escola tradicional, permitindo adequar os métodos de ensino às características dos alunos. As análises presentes na monografia demonstram como tais concepções foram apropriadas pelas professoras em formação e incorporadas ao debate educacional mineiro.

Além do desempenho acadêmico, foi investigado o contexto familiar e social dos alunos, buscando-se observar a influência da situação econômica e cultural sobre a aprendizagem. A maioria dos estudantes era brasileira, de classe social inferior, residindo em bairros modestos, com poucos recursos financeiros e acesso limitado a lazer e à alimentação adequada. Apenas nove crianças tinham uma nutrição satisfatória, enquanto outras enfrentavam condições que poderiam impactar negativamente seu desempenho escolar: “Digam o que quiserem, mas o, ter dinheiro, e o, não ter dinheiro, são dois fatores que mais fortemente influem sobre o homem e sobre a sociedade” (Monografia..., 1932, p. 21). Nessa citação, as professoras-alunas deixam claro que o fator econômico influenciava o desenvolvimento escolar.

A atenção dedicada às condições econômicas e familiares indica um deslocamento importante na compreensão dos fenômenos educacionais. O rendimento escolar deixa de ser explicado exclusivamente pelas capacidades individuais da criança e passa a ser analisado em articulação com fatores sociais e culturais. Essa perspectiva amplia o campo de investigação da escola e aproxima a Escolologia de debates contemporâneos sobre a influência do meio social nos processos educativos.

O levantamento revelou também a sobrecarga de responsabilidades domésticas, especialmente para meninas, e questionou se essas tarefas eram apropriadas à idade das crianças. A preocupação com o ambiente doméstico de leitura também foi analisada, sugerindo que a supervisão dos pais sobre os materiais lidos era crucial para o desenvolvimento intelectual (Monografia..., 1932, p. 22). Esses dados reforçam a necessidade de o educador compreender o meio social e familiar das crianças para adequar sua prática pedagógica.

Para avaliar o desenvolvimento físico e a saúde dos alunos, foram realizados exames antropométricos que indicaram, em sua maioria, um desenvolvimento corporal satisfatório. A análise apoiou-se em diversas referências científicas para embasar os resultados e ressaltar a importância de uma abordagem integral no ensino, que considerasse “as condições físicas, intelectuais, sociais e emocionais dos alunos” (Monografia..., 1932, p. 23).

Essa abordagem evidencia uma concepção ampliada de educação, característica das propostas renovadoras do período. A criança passa a ser observada em sua totalidade, articulando aspectos biológicos, psicológicos e sociais. Tal orientação diferenciava-se das práticas pedagógicas centradas exclusivamente na transmissão de conteúdos e contribuía para redefinir o papel do professor como observador e pesquisador da realidade escolar.

O resultado encontrado a partir dos dados acima reafirmou a importância de adaptar a educação às necessidades individuais dos alunos, enfatizando a criação de situações de aprendizado que despertassem o interesse e promovessem o desenvolvimento integral. Essa perspectiva buscava superar os desafios da repetência e construir uma escola “sob medida”, capaz de responder às demandas sociais e formar cidadãos preparados para os contextos urbanos e industriais emergentes na época. (Monografia..., 1932).

As professoras-alunas analisaram, ainda, o desenvolvimento físico e mental da classe, evidenciando a necessidade de correlacionar ambos para avaliar se o desenvolvimento global dos alunos era satisfatório. Com base nos trabalhos de Binet, Simon, Claparède e Thorndike, as professoras-alunas explicaram a importância da avaliação da inteligência por meios mais “complexos e experimentais, superando antigas crenças de que a inteligência estaria relacionada ao tamanho do crânio” (Monografia..., 1932, p. 31). Essa abordagem reforça a perspectiva escolológica, que compreende a inteligência como um fenômeno influenciado por fatores físicos, fisiológicos, psíquicos e pedagógicos.

A utilização de escalas de inteligência e instrumentos de avaliação evidencia a circulação, em Minas Gerais, de conhecimentos produzidos em centros internacionais de pesquisa psicológica. Mais do que simples técnicas de mensuração, esses instrumentos representavam a tentativa de fundamentar cientificamente as decisões pedagógicas, conferindo legitimidade aos processos de classificação, acompanhamento e orientação dos alunos.

Com a classificação dos alunos, o ensino poderia ser adaptado para garantir o desenvolvimento integral da criança, abrangendo aspectos físicos, psíquicos, morais e sociais. As professoras-alunas enfatizaram que o professor “não deve considerar uma criança com baixo desenvolvimento intelectual apenas por dificuldades interpretativas, pois a inteligência pode estar em diferentes estágios de maturidade” (Monografia..., 1932, p. 32). Para mensurar a inteligência, mencionaram a Escala Métrica de Binet e Simon, posteriormente revisada por Terman, e o conceito de quociente intelectual (Q.I.) introduzido por Stern (Monografia..., 1932, p. 33).

Os testes aplicados na classe incluíram os de Goodenough, Dr. Simon (P.V.), Dearborn e Ballard, alinhados às observações realizadas pelas professoras-alunas e a docente da turma. A Escolologia propõe o uso combinado de diversos instrumentos para um mapeamento mais preciso. Além disso, foi conduzido um inquérito sobre os ideais e interesses das crianças, fundamentado nos estudos de Claparède, que indicava a variação desses aspectos conforme a idade e o gênero. Perguntas como “O que você quer ser quando crescer?” e “Qual seu brinquedo preferido?” revelaram padrões de preferência e expectativas entre os alunos (Monografia..., 1932, p. 43).

O interesse pelas aspirações infantis aproxima a Escolologia das formulações de Claparède e de outros representantes da Educação Nova, para os quais a escola deveria partir das necessidades e interesses da criança. As respostas obtidas nos inquéritos eram compreendidas como indicadores importantes para orientar o planejamento pedagógico e fortalecer a relação entre escola e vida cotidiana.

Na formação dos professores, a influência da psicologia educacional foi reforçada pela Reforma Francisco Campos, que valorizava as ciências psicológica e biológica para compreender as características físicas e mentais das crianças. A Escolologia, como proposta inovadora, incorporava essas ciências, adaptando-as às necessidades locais e consolidando-se como uma nova ciência da escola.

Os testes psicológicos aplicados incluíram avaliações de coordenação motora (Pointillage e Disco de Walther), memória (memorização de poesia, números e palavras) e observação (Teste de Ribakoff). As professoras-alunas ressaltaram a importância da “memória lógica, relacionada à inteligência, e a necessidade de desenvolver a capacidade de observação das crianças por meio de treinamentos específicos” (Monografia..., 1932, p. 58).

Os testes pedagógicos abordaram ortografia, pontuação, leitura silenciosa, geografia, história e aritmética. O ditado foi utilizado para avaliar ortografia, destacando-se que dificuldades na escrita podiam ser causadas por problemas auditivos ou visuais, além de métodos pedagógicos inadequados. O teste de pontuação evidenciou a relação entre interpretação e uso correto dos sinais. Na aritmética, diferentes testes foram aplicados, incluindo os Problemas de Murgel e Simon, para avaliar a compreensão lógica das operações matemáticas (Monografia..., 1932, p. 59).

Por fim, a Escolologia demonstrou que a articulação entre psicologia e educação era essencial para o desenvolvimento escolar. A integração dos métodos experimentais na formação das professoras-alunas permitiu avanços no entendimento da inteligência e das condições que influenciam o aprendizado infantil, consolidando o caráter científico da Escolologia.

3.2 Sobre a escola e o professor

Na monografia, foram analisados diversos aspectos da escola e do professor, abordando a estrutura física da sala de aula, o perfil da professora e as influências do ambiente escolar no desenvolvimento das crianças. A descrição detalhada das condições materiais incluiu dimensões da sala, iluminação, disposição das carteiras e presença de materiais didáticos. Observamos a influência do meio físico sobre os alunos, avultando elementos que poderiam ser melhorados, como o posicionamento das carteiras e a decoração do ambiente.

Além do espaço físico, as autoras identificaram problemas externos que afetam o aprendizado, como ruídos da vizinhança e inadequações na mobília. Sugerem mudanças para tornar a sala mais agradável e funcional, incluindo uma disposição mais interativa das carteiras e substituição de elementos decorativos sombrios por outros mais estimulantes. A preocupação com o bem-estar dos alunos reflete uma visão pedagógica que valoriza o ambiente como fator influente na aprendizagem.

A preocupação com a organização do espaço escolar dialogava com as concepções renovadoras que atribuíam ao ambiente papel ativo nos processos educativos. A sala de aula era compreendida como elemento integrante da formação da criança, devendo favorecer a participação, a sociabilidade e o interesse pelas atividades escolares.

O perfil da professora é descrito detalhadamente, incluindo sua formação, seu comportamento e a relação com os alunos. Ela é considerada dedicada, organizada e emocionalmente equilibrada, além de manter uma relação próxima com as famílias dos estudantes. No entanto, as autoras apontam limitações em seu conhecimento sobre as novas abordagens pedagógicas, sugerindo que sua formação poderia ser aprimorada para incluir métodos inovadores.

A análise da atuação docente revela os critérios utilizados pelas professoras-alunas para avaliar o trabalho pedagógico. Observa-se que a referência para essa avaliação era constituída pelos princípios da Escola Nova, especialmente aqueles relacionados à centralidade da criança, à atividade do aluno e à utilização de métodos mais participativos de ensino.

A monografia realça a necessidade de existir um professor que compreenda a criança em sua singularidade, considerando seu desenvolvimento biológico e psicológico. Para isso, defendia-se uma abordagem individualizada da educação, com uso de observações e testes psicológicos para diagnosticar as necessidades e potencialidades dos alunos. Esse conhecimento serviria para orientar melhor tanto a trajetória escolar quanto futura escolha profissional.

As recomendações para o trabalho docente enfatizam a importância de conhecer as ciências da educação e utilizar instrumentos científicos para definir estratégias pedagógicas. A Escolologia não é apresentada como um método fixo, mas como uma ciência voltada para a investigação e solução dos desafios escolares. Dessa forma, busca integrar teorias internacionais às realidades locais, criando um conhecimento híbrido e contextualizado.

A observação das aulas permitiu uma análise crítica dos métodos de ensino adotados. A professora utilizava materiais didáticos diversos, mas resistia a metodologias mais modernas, como o método-problema e o método-projeto. O ensino de aritmética era considerado abstrato, e as aulas de língua pátria pouco estimulantes. Testes aplicados indicaram desempenho mediano em raciocínio lógico, mas bons resultados em leitura silenciosa.

As observações das aulas demonstram que as monografias não tinham caráter meramente descritivo. As professoras-alunas buscavam identificar relações entre métodos

de ensino, condições escolares e desempenho dos estudantes, produzindo diagnósticos que serviriam de base para futuras intervenções pedagógicas. Tal perspectiva aproxima a Escolologia das propostas de pesquisa aplicada à educação que ganhavam destaque naquele período.

Na conclusão, as autoras avaliam o ensino como mais voltado à instrução do que à educação, refletindo o desconhecimento da professora sobre os princípios da Escola Nova. Apontam fatores negativos, como condições socioeconômicas dos alunos, falta de inovação nos métodos e ruídos externos prejudicando o aprendizado. Por outro lado, ressaltam a boa saúde dos estudantes, a frequência regular às aulas e o comprometimento da professora, reconhecendo seu esforço na construção de um ambiente acolhedor.

O balanço final elaborado pelas autoras evidencia uma característica central da Escolologia: a articulação entre investigação e intervenção. Os problemas identificados não eram apresentados apenas como diagnóstico da realidade escolar, mas como elementos capazes de orientar ações voltadas ao aperfeiçoamento do ensino. Nesse sentido, as monografias assumiam simultaneamente funções científicas, pedagógicas e formativas.

3.3 A Escolologia e a constituição de um saber científico sobre a escola

A análise das monografias permite compreender que a Escolologia ultrapassava a condição de simples estratégia de formação docente. Ao reunir conhecimentos oriundos da Psicologia, da Pedagogia, da Antropologia, da Sociologia e da Metodologia da Pesquisa, a proposta formulada por Helena Antipoff buscava constituir um campo específico de investigação da escola e de seus processos educativos. A escola deixava de ser apenas espaço de ensino para tornar-se objeto sistemático de observação, análise e produção de conhecimento.

A análise dos instrumentos empregados e dos resultados apresentados nas monografias evidencia um esforço de sistematização do conhecimento sobre a realidade escolar. A Escolologia passa a configurar-se como uma proposta de investigação que articula diferentes campos do saber na compreensão dos fenômenos educativos. Nesse processo, diferentes áreas das Ciências da Educação são mobilizadas para produzir diagnósticos sobre as condições de funcionamento da escola e os fatores que interferem no desenvolvimento dos alunos. Tal empreendimento aproximava-se de características tradicionalmente associadas à produção do conhecimento científico, como a observação sistemática dos fenômenos, a coleta organizada de dados empíricos e a busca por interpretações fundamentadas da realidade investigada (Alves, 1987; Lakatos; Marconi, 1986). As fronteiras disciplinares tornam-se mais flexíveis, favorecendo a construção de um conhecimento híbrido que se apoiava, sobretudo, na psicologia experimental e na pedagogia experimental, mas incorporava também contribuições relacionadas ao meio social e cultural.

Observa-se, nesse contexto, um movimento de aproximação entre os conhecimentos produzidos pela Psicologia e os esforços de construção de uma pedagogia fundamentada em bases científicas. No Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, a pesquisa educacional desenvolveu-se justamente na interface entre esses campos, favorecendo a produção de novos instrumentos de observação e análise da realidade escolar.

Essa perspectiva pode ser compreendida à luz das reflexões de Faria Filho e Vidal (2003) acerca da constituição histórica do campo educacional brasileiro. Segundo os autores, a expansão da escolarização esteve acompanhada da produção de conhecimentos especializados sobre a escola, os professores e os alunos. Nessa direção, as monografias escolológicas podem ser compreendidas como parte desse movimento de elaboração de saberes pedagógicos, contribuindo para a constituição da escola como objeto de investigação científica.

A Escolologia reconhece, na escola, um campo específico de estudo passível de abordagem científica ao insistir no conhecimento da criança e na adoção de um processo de

ensino adequado às suas necessidades, sob a inspiração dos ideais da Escola Nova, possibilitando e viabilizando o início de trabalhos sistemáticos de pesquisa educacional. Além dos referenciais mobilizados pelo Laboratório de Psicologia, observam-se contribuições oriundas das aulas de metodologia, fortemente influenciadas pelo pragmatismo estadunidense, que também fundamentaram a observação das práticas pedagógicas.

Embora a Escolologia não tenha se constituído como disciplina científica autônoma, sua proposta incorporava elementos associados à produção do conhecimento científico, como a observação sistemática, a coleta de dados empíricos e a formulação de interpretações sobre a realidade escolar (Alves, 1987; Lakatos; Marconi, 1986).

As monografias analisadas demonstram que esse movimento não permaneceu apenas no plano teórico. As professoras-alunas foram mobilizadas a observar, registrar, medir, interpretar e propor soluções para problemas concretos identificados nas escolas. Dessa forma, a produção do conhecimento educacional passou a integrar o próprio processo de formação docente, aproximando pesquisa e prática pedagógica.

Pode-se compreender a Escolologia como uma expressão dos esforços de renovação educacional que marcaram as primeiras décadas do século XX. Diante da expansão dos sistemas públicos de ensino e da necessidade de conhecer melhor a população escolar, médicos, psicólogos, pedagogos e outros especialistas passaram a desenvolver instrumentos destinados à observação científica da criança e da escola. Nesse cenário, a Escolologia representou uma tentativa de articular diferentes Ciências da Educação em torno de um objeto comum: a compreensão dos processos escolares em sua complexidade. As monografias produzidas na Escola de Aperfeiçoamento evidenciam esse movimento e revelam a constituição de uma cultura de pesquisa educacional que contribuiu para a consolidação da escola como objeto legítimo de investigação científica. Nesse sentido, esses documentos não apenas registram práticas escolares do período, mas também testemunham a emergência de novas formas de produzir conhecimento sobre a educação, aspecto que lhes confere relevância para a História da Educação.

Considerações Finais

Neste artigo, analisamos as monografias elaboradas pelas professoras-alunas da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte como resultado dos estudos escolológicos orientados por Helena Antipoff na década de 1930. A investigação permitiu identificar a organização desses documentos, os principais eixos de análise mobilizados pelas autoras e os fundamentos teórico-práticos que sustentavam suas observações sobre a escola, os professores e os alunos.

A análise das monografias evidenciou que a Escolologia constituiu uma proposta de investigação da realidade escolar fundamentada na articulação entre diferentes campos das Ciências da Educação. Por meio da observação sistemática, da aplicação de testes, da análise das condições sociais dos estudantes e do acompanhamento das práticas pedagógicas, as professoras-alunas produziram diagnósticos abrangentes sobre o funcionamento da escola. As monografias revelam, assim, a incorporação de métodos científicos à formação docente e a valorização da pesquisa como instrumento de compreensão e aperfeiçoamento da educação.

Os resultados também demonstram que a Escolologia ultrapassava a condição de estratégia metodológica de formação de professores. Ao tomar a escola como objeto de

observação, análise e produção de conhecimento, essa proposta contribuiu para a constituição de uma cultura de pesquisa educacional no âmbito da Escola de Aperfeiçoamento. Nesse sentido, as monografias podem ser compreendidas como parte de um movimento mais amplo de renovação educacional que buscava produzir saberes especializados sobre os processos de escolarização, em consonância com os princípios da Escola Nova e com a expansão das Ciências da Educação nas primeiras décadas do século XX.

Embora a Escolologia não tenha se consolidado como uma disciplina científica autônoma, as fontes analisadas evidenciam sua relevância na produção de conhecimentos sobre a escola e na formação de professoras pesquisadoras. Ao articularem diferentes referenciais teóricos e metodológicos, os estudos escolológicos contribuíram para ampliar a compreensão dos fenômenos escolares e para fortalecer a investigação educacional como dimensão constitutiva da prática pedagógica.

Por fim, considera-se que as monografias produzidas na Escola de Aperfeiçoamento constituem fontes relevantes para a História da Educação, pois permitem compreender processos de circulação e apropriação de saberes pedagógicos, psicológicos e metodológicos que marcaram a renovação educacional mineira. Além de registrarem aspectos do cotidiano escolar da década de 1930, esses documentos testemunham a emergência de novas formas de produzir conhecimento sobre a educação, conferindo visibilidade a uma experiência singular de pesquisa educacional desenvolvida sob a orientação de Helena Antipoff.

Referências

ALMEIDA, Marilene Oliveira; CAMPOS, Regina Helena de Freitas. A Escolologia como uma proposta da pedagogia Antipoffiana para a formação de professores em Minas Gerais na década de 1930. *Cad. Hist. Educ.*, Uberlândia, v.21, e132, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14393/che-v21-2022-132>.

ALMEIDA, Philocelina Mattos; PAIVA, Maria José de Melo. Monografia da classe nº 32 do IV ano misto do Grupo Olegário Maciel. Belo Horizonte, 1930.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ANTIPOFF, Helena. *A figura do educador*. In: *Fundamentos da Educação Volume II*. Belo Horizonte, 1992b. (Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff. Org. pelo Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff, p. 19-27).

ANTIPOFF, Helena. *Escolologia: Ensaios de Pedagogia escolar experimental*. Revista do Ensino, Belo Horizonte, 1930, p. 145-152.

ANTIPOFF, Helena. Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte. In: CAMPOS, Regina H.F. (Org.). Helena Antipoff: textos escolhidos (p. 133-160). São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

ANTIPOFF, Helena. O desenvolvimento mental das crianças de Belo Horizonte (1931). In: CAMPOS, Regina H.F. (Org.). Helena Antipoff: textos escolhidos (p. 83-125). São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

ANTIPOFF, Helena. Organização das classes nos grupos escolares de Belo Horizonte (1931). In: CAMPOS, Regina H.F. (Org.). *Helena Antipoff: textos escolhidos* (p. 83-125). São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

ANTIPOFF, Helena.; OTTONI, Francisca.; DUARTE, Cora. Experimentação Natural como Método para Estudo da Personalidade e da Educação do Caráter. In: CAMPOS, Regina H.F. Org.). *Helena Antipoff: textos escolhidos* (p.301-318). São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda; Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. (Coleção biblioteca básica brasileira; 23).

CAMPOS, Regina H.F. & DUARTE, Adriana O. S. A. Recepção da Escola Nova no Brasil na obra da psicóloga e educadora Helena Antipoff - o aprender fazendo, o conhecimento da criança, o respeito aos direitos humanos. In: Marilene P. R. de Souza et al (Orgs.). *Cultura e história na criação intelectual na Europa e na América Latina, séculos XIX e XX*. (p. 544-557). São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2018.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Dicionário Biográfico da Psicologia no Brasil: Pioneiros*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2001.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff (1892-1974) e a Perspectiva Sociocultural em Psicologia e Educação*, 2010. 269 f. Tese (Professora Titular) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010a.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas. *Helena Antipoff*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010b. (Coleção Educadores).

CAMPOS, Regina. Helena de Freitas. Helena Antipoff: da orientação sócio-cultural em Psicologia a uma concepção democrática de Educação. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 12, n. 1, p. 4–13, 1992. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931992000100002>.

CLAPARÈDE, Édouard. *Psicologia da Criança e pedagogia experimental: Introdução, Histórico, Problemas, Métodos e desenvolvimento Mental*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1934.

CRUZ, Renata Silva. *As pesquisas Escolológicas na obra de Helena Antipoff: Proposta de uma ciência da escola*. 2024. 254f. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

CRUZ, Renata Silva; CAMPOS, Regina. Helena de Freitas. Helena Antipoff e a Escolologia: origens, conceitos e aplicações da ciência da escola. (2025). *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 42, e48076. <https://doi.org/10.35699/1676-1669.2025.48076>

DEWEY, John. *Democracia e Educação*. 4ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882003000100003>.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1986.

MINAS GERAIS. DECRETO nº 7.970, de 15 de outubro de 1927. Aprova o Regulamento do Ensino primário. Disponível em: <https://lappeei.fae.ufmg.br/decreto-no-7-970-de-15-de-outubro-de-1927/>. Acesso em: out. de 2023.

MINAS GERAIS. DECRETO Nº 887, de 30 de junho de 1937. Aprova os programas da Escola de Aperfeiçoamento. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/legislacao-mineira/DEC/887/1937/>. Acesso em: 21 jun. 2024.

MIRANDA, Rodrigo Lopes. *O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo: Diálogos entre Psicologia e Educação (1929-1946)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MONOGRAFIA DE UMA CLASSE ESCOLAR DE BELO HORIZONTE: *Estudo escolológico de 1931*. Imprensa Oficial de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1932.

PRATES, Maria Helena Oliveira. *A Introdução Oficial do movimento de Escola Nova no Ensino Público de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1989.

ROTTA-JÚNIOR, César. *Recepção e circulação dos testes de inteligência na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Belo Horizonte (1929-1946)*. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

RUCHAT, Martine. *Édouard Claparède - Hélène Antipoff: Correspondance (1914-1940)*. Firenze: Leo Olshki Editore, 2010.

SIMANKE, Richard. Theisen.; CAROPRESO, Fátima. Considerações preliminares acerca de um método histórico-conceitual para a pesquisa teórica em psicanálise. In: L. Fulgêncio, J. Birman, D. Kupermann; E. L. Cunha (Eds.), *Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos* (pp. 55-68). Editora Zagodoni, 2018.

SOUZA, Rosa Fátima de. Os Pilares da República. In: SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: A implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: UNESP, 1998. p. 26-87.